

Dossiê

Diversidade cultural/
sexual e de gênero

tríade
comunicação, cultura e mídia

A vida é uma prisão: virilidades criminosas e violência sexual em 'Oz'

Diego Santos Vieira de Jesus

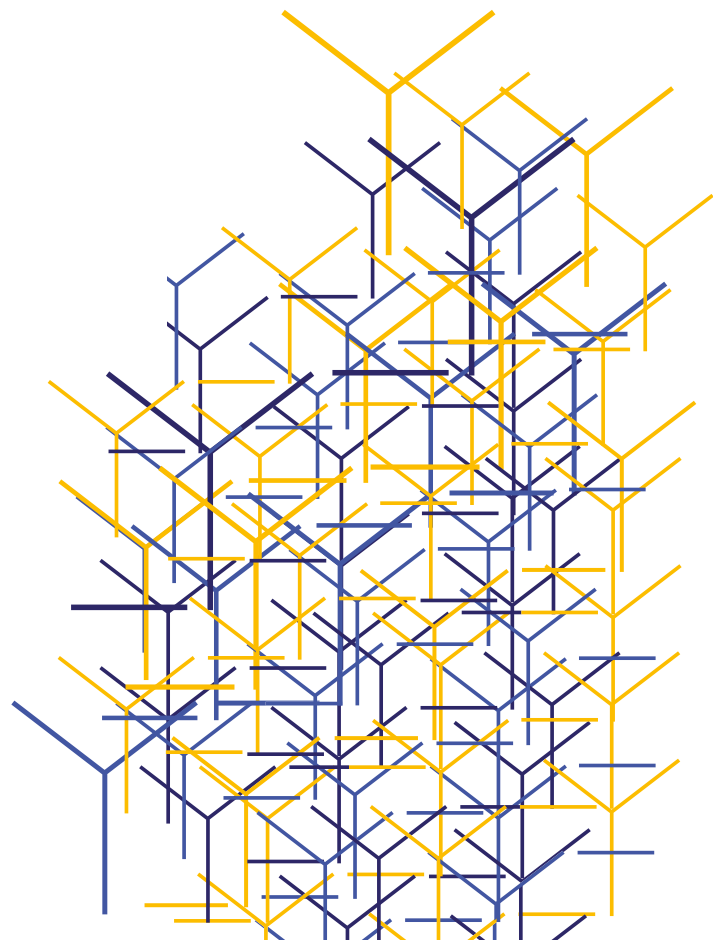
Escola Superior de Propaganda e Marketing [ESPM], Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato com o autor: dvieira@espm.br.

Resumo: Com base primordialmente nas obras de Dominique Kalifa (2013) e Florence Tamagne (2013), o objetivo é examinar como a violência sexual entre os prisioneiros foi representada na série da HBO, 'Oz', exibida de 1997 a 2003. Argumenta-se que, numa cultura homosocial como a da prisão, a reafirmação da virilidade dos criminosos dava-se por meio da acentuação de condutas machistas e da exacerbação da violência homofóbica contra outros prisioneiros. A violência sexual era mobilizada como meio de garantir posição dominante na hierarquia carcerária, penalizar detentos e sanar frustrações sexuais.

Palavras-chave: Homosocialidade. Virilidade. Violência sexual. Oz. HBO.

Abstract: Life is a prison: criminal virilities and sexual violence in 'Oz'. Based mainly on the works of Dominique Kalifa (2013) and Florence Tamagne (2013), the aim is to examine how sexual violence among prisoners was represented in the HBO series 'Oz', broadcast from 1997 to 2003. It is argued that, in a homosocial culture such as that of imprisonment, the reaffirmation of the virility of criminals was accentuated by male chauvinism and the exacerbation of homophobic violence against other prisoners. Sexual violence was also mobilized as a means of ensuring a dominant position in the prison hierarchy, punishing inmates and remedying sexual frustration.

Keywords: Homosociality. Virility. Sexual violence. Oz. HBO.



1. Introdução

As prisões são temas frequentes na literatura mundial, além de serem de importância crescente na análise sociopolítica. O aumento de grande parte da população carcerária em vários países por todo o mundo motiva debates acerca do efetivo aumento da segurança comunitária com o maior número de criminosos presos e das disparidades sociais – em especial as raciais – nas prisões. Nesse contexto, os meios de comunicação assumiram papel importante na disseminação de informações acerca das condições do sistema carcerário de vários países, tanto em noticiários como em produções ficcionais (SCHIPPERT, 2012).

No que diz respeito às produções ficcionais, a primeira série dramática original da HBO, *Oz* (1997-2003), girava em torno do cotidiano de Emerald City, uma unidade experimental na prisão de segurança máxima Oswald State Correctional Facility, apelidada pelos detentos como Oz. Nessa unidade, os homens encarcerados tinham mais liberdade do que em outras, mas tinham seus horários controlados e eram proibidos de fazer sexo, comercializar drogas e provocar motins. Oz recebia alguns dos criminosos mais perigosos dos Estados Unidos, que formavam gangues e grupos como os arianos, os italianos, os latinos, os negros e os muçulmanos. As diferenças étnicas e religiosas entre os prisioneiros motivavam disputas internas, rebeliões constantes e mortes. Criada por Tom Montana, a série *Oz* teve seis temporadas e foi significativa para a TV mundial por ter estabelecido novos padrões de exposição de violência, trazido cenas de brutalidade sexual e exposto a nudez frontal masculina de maneira frequente em seus episódios. Ela também definiu a proeminência da HBO na criação de séries de TV a cabo, sendo seguida por *Os Sopranos* e *Six Feet Under*, que abarcavam linguagem e imagens que não eram tradicionalmente transmitidas nas TVs convencionais (LEHMAN, 1993; WLODARZ, 2005). No Brasil, a série criada por Montana também foi transmitida pelo SBT com o nome: *Oz, a vida é uma prisão*.

A maior parte dos episódios da série tinha como narrador o prisioneiro Augustus Hill (interpretado por Harold Perrinau), que propunha reflexões acerca da condição humana, as quais se intercalavam às histórias das vidas cotidianas dos prisioneiros em Oz. Os crimes cometidos pelos encarcerados apareciam estilizados em vídeos de flashback. Essas narrativas motivaram amplo debate na sociedade durante a exibição da série e depois dela. Alguns acadêmicos e especialistas na área de entretenimento criticaram *Oz* como um artefato cultural de encarceramento desenfreado num espetáculo hiperviolento, que legitimava a expansão do complexo prisional e a prevalência de ambientes prisionais desumanos. Além disso, apontavam que o enquadramento das questões de raça e de classe em um espetáculo violento funcionava como uma justificativa para práticas discriminatórias (YOUSMAN, 2009) e que a comoditização cultural da prisão legitimava o encarceramento como um meio de controle social de elementos tidos como socialmente indesejáveis, tornando-o, assim, mais aceitável e desejável pela audiência (SEALY, 2007).

Entretanto, grande parte do público entendia que a série denunciava problemas existentes

na reabilitação de presidiários diante da corrupção do sistema prisional dos Estados Unidos, da tensão racial entre os detentos, dos maus-tratos a que eram submetidos e da ampliação considerável da população carcerária no país desde meados da década de 1990. Ainda que fosse uma obra de ficção, a série convidava o público a refletir sobre o quadro de crise do sistema prisional e de violência extrema, alimentada pelo machismo, pela homofobia e pela intolerância baseada em raça, classe e religião. A reflexão instigada por Oz incidia diretamente sobre os abusos no sistema prisional dos Estados Unidos, mas, ao ser veiculada em outros países, estimulava telespectadores do mundo inteiro a refletir que o quadro de violência explorado em Oz também se desenvolvia em seus próprios ambientes socioculturais, como nas prisões brasileiras. Transcendendo a própria dinâmica de cárcere, a série conduzia à discussão de que essa violência baseada em hierarquias socioculturais que envolviam raça, classe, gênero e orientação sexual parecia não estar circunscrita apenas às prisões, mas disseminada por toda a sociedade, por vezes se manifestando com níveis semelhantes de brutalidade àqueles exibidos na unidade prisional da ficção; por outras, de formas mais tênues ou sutis, mas não menos excludentes e segregadoras.

Ainda que grande parte dos presos em Oz não fosse homossexual, muitos mantinham práticas sexuais com outros de forma consentida a fim de desenvolverem laços emocionais e afetivos e aliviarem as tensões do cotidiano da prisão. Entretanto, nos episódios da série, a violência sexual foi frequentemente utilizada por prisioneiros contra outros. Em face da recorrência de tal forma de violência ao longo das temporadas, o objetivo do artigo é examinar como a violência sexual entre os prisioneiros foi representada na série da HBO, Oz. O argumento central aponta que, numa cultura homosocial como a da prisão, a reafirmação da virilidade dos criminosos dava-se por meio da acentuação de condutas machistas e da exacerbação da violência homofóbica contra outros prisioneiros. A violência sexual era mobilizada como um meio de garantir posição dominante na hierarquia carcerária, penalizar detentos e sanar frustrações sexuais.

2. Fundamentação teórica

Até o início do século XIX, as virilidades populares estiveram predominantemente associadas à força bruta do homem dominante e em pleno vigor sexual. Situada fora de modelos tradicionais da delicadeza num contexto de desigualdade entre homens ricos e pobres, a virilidade dos que tinham uma vida pauperizada desenvolvia-se em um contexto de instabilidade social e econômica, enquanto aqueles de classes abastadas tinham o direito de desfrutar de bens e serviços. Homens em situações econômicas pouco estáveis costumavam manifestar em relação às mulheres uma virilidade carregada de força, selvageria violenta e procedimentos degradantes. Eles compartilhavam condições econômicas que se somavam àquelas impostas a eles por instituições familiares, bem como jurídicas, uma vez que muitas sociedades ainda não dispunham de um Código Civil ou Penal para estabelecer a ordem social

e sexual. Havia também as imposições por parte de instituições religiosas, num momento em que a Igreja imprimia a moral, proibindo a sexualidade não-procriadora e relegando a mulher à submissão marital. As capacidades físicas, verbais e sexuais do homem deveriam ser provadas e convincentemente afirmadas, e muitos jovens se aproveitavam do desejo de liberdade, das solidariedades masculinas e das violências privadas e socializadas nos séculos XVIII e XIX para tratar as mulheres como presas que deveriam ser capturadas. Com o casamento, esses homens aproximavam-se da ambiência familiar, mas mantinham a mulher em posição submissa, e a violência viril atuava como um meio de restabelecer regras sociais e sexuais negligenciadas (FARGE, 2013).

No século XIX, a forma do corpo e a musculatura identificadas com energia e resistência combinavam com a representação da potência física e da determinação moral na definição de virilidades populares. A atividade física garantiria satisfações sexuais autênticas; entretanto, em face das injustiças da condição operária, permanecia o embrutecimento, embora a imagem de trabalhadores respeitáveis fosse distinta daquelas de vadios, bêbados ou revolucionários. A associação da condição de trabalhador a virtudes viris aliava-os à energia, à honestidade, à generosidade e ao devotamento, em contraposição aos criminosos. Os espaços de homosocialidade operária eram os sindicatos, os cabarés e os locais para a prática de esportes e lazer (PIGENET, 2013).

Na primeira metade do século XX, a virilidade popular não era destacável de sua representação na imagem do corpo operário, masculino, poderoso, disposto ao trabalho e à luta. A imagem do proletário viril se deve também muito à construção de um arquétipo em que se misturam atributos físicos, virtudes morais e qualidades psicológicas, uma construção social e política que se casa com o movimento de disciplinarização e moralização dos operários. O engajamento físico, a coragem e a firmeza permaneciam sendo os recursos essenciais do trabalho e construía nesses trabalhadores uma legitimidade às vezes tão preciosa quanto o saber fazer profissional (PILLON, 2013; JARVIS, 2013). Como aponta Pillon (p. 373)

Pode-se parar diante da figura do mineiro pelo tanto que ela é emblemática desta construção, que vale também para o metalúrgico e o estivador. O desenvolvimento da siderurgia, da metalurgia e das indústrias de extração na primeira metade do século, a tradição de luta nesses setores e a concentração geográfica vão contribuir para construir a imagem de um operário que ama a sua condição, animado pelos valores do sacrifício e da bravura.

Paralelamente à figura do trabalhador honesto, o retrato do criminoso foi desenvolvido nos séculos XIX e XX em geral bastante associado à força e à potência em um sistema de relações interpessoais dominado pela violência física, o que supõe resistência, dureza e coragem. As competências técnicas – como o domínio dos meandros do jogo e as habilidades orais e discursivas – mostraram-se indispensáveis à vida econômica e social do grupo e atestaram o conhecimento de recursos do submundo. No contexto do crime, observava-se uma desqualificação permanente do feminino, sendo a sexualidade considerada uma manifestação da força e uma

expressão de dominação. Marcas de doenças, cicatrizes e tatuagens mostravam-se fortemente ligadas à delinquência e à experiência carcerária e falavam sobre a coragem e a resistência do homem forte. As lógicas de facção, a honra do grupo e a marcação e a defesa do território – características das práticas delinquentes – provinham das sociabilidades populares, bem como a exibição de força, a exacerbação da masculinidade em relação aos outros e as brutalidades contra mulheres, muitas vezes na dimensão doméstica (KALIFA, 2013; MISKOLCI, 2013). Ao abordar as virilidades criminosas, Kalifa (p. 305-306) afirma que

Da potência do corpo procede igualmente certo número de atitudes e traços de caráter. A força supõe a resistência: homem é aquele que suporta e sabe suportar o álcool como os golpes. Ela supõe igualmente a dureza, a coragem; estes homens são uns “caras peludos”, do tipo que não recua. O olhar confiante dita também a vontade. [...] Ser um homem de verdade, isso deve se fazer notar: o corpo, a postura, os gestos são mesmo sinais de ostentação, registros de virilidade.

A experiência do cárcere e do aprisionamento dá-se em momentos distintos: as casas de correção e detenções de crianças; as seções disciplinares no tempo de recrutamento; as prisões e os campos de trabalhos forçados. Cada experiência impôs a uma sociedade exclusivamente masculina um sistema de valores de força física e subordinação sexual. Nesse sistema, a sexualidade é pensada como uma manifestação de força e dominação. Como um instrumento de poder junto à força, o sexo reconfigura as relações de gênero, dividindo no interior do grupo as funções sexuais e sociais. Além de saciedade de necessidades sexuais, a homossexualidade pode ser concebida na experiência do cárcere como um modo de organização e regulação social. Na falta de mulheres, feminizam-se alguns homens sobre os quais se abate a dominação física, sexual e social. O homem dominante, sexualmente ativo, consolida sua virilidade. A experiência do cárcere acentua as práticas de virilidade brutal e violenta, que muitas vezes derivam mais de atitudes populares tradicionais, mas se prolongam e se exacerbam em contextos de insegurança e sofrimento social e nascem a partir de situações de rejeição, desemprego e não-garantia de direitos (KALIFA, 2013; GUILBERT; LOCOGE, 2007).

No contexto do cárcere, alguns homens são obrigados, na sequência de violências sexuais reiteradas, a assumir papéis femininos, ainda que aqueles que adotem papel ativo não somente não sejam considerados homossexuais, mas vejam sua virilidade reforçada (TAMAGNE, 2013). Como desenvolve Tamagne (2013, p. 442)

O caso da prisão é revelador. Se as relações homossexuais consensuais podem aí florescer – ocorrência amplamente mistificada pela cultura gay [...] –, a sexualidade aí é também utilizada como um meio de assegurar o seu lugar na hierarquia carcerária (jockers, punks, queens nas prisões americanas), de “punir” os reclusos (“alcaguetes”) e/ou de remediar a frustração sexual.

Por vezes, essa violência conjuga-se a estereótipos associados à raça e à etnia, de forma que a cultura viril associada a homens não-brancos aparece ligada ao primitivismo e à selvageria sexual, inserida numa sociabilidade masculina frequentemente apresentada como

arcaica e bárbara (TARAUD, 2013; DONALDSON, 1993).

3. Considerações metodológicas

No primeiro momento da coleta de dados, foram identificados, nas seis temporadas de Oz, os principais personagens que haviam sido vítimas de violência sexual durante o encarceramento em Emerald City, de acordo com os dados oferecidos pela Oz TV Wiki (OZ TV WIKI, 2017). Foram eles Tobias Beecher (interpretado por Lee Tergesen), Peter Schibetta (vivido por Eddie Malavarca), James Robson (representado por R.E. Rodgers), Kenny Wangler (interpretado por J.D. Williams), Cyril O'Reilly (vivido por Scott William Winters), Adam Guenzel (representado por Mike Doyle) e Franklin Winthrop (interpretado por Andy Powers). Selecionaram-se, a partir desses personagens, aqueles que representassem cada grupo mais relevante dentro da prisão num maior número de episódios da série. Foram eles Schibetta, que pertencia ao grupo dos italianos e apareceu em 16 episódios; Robson, que era parte do grupo dos arianos e esteve presente em 36 episódios; e Wangler, que pertencia ao grupo de *homeboys*, gangue de prisioneiros negros jovens que vendiam drogas na prisão. Wangler esteve presente em 23 episódios. Além desses, foi também considerado Beecher, que não pertencia a qualquer grupo específico, mas foi também alvo da violência dentro da prisão, cometida por outros presidiários. O personagem apareceu em 56 episódios.

Na segunda etapa, buscou-se examinar a trajetória de cada personagem ao longo da série a fim de se compreender a cadeia de eventos que conduziram à violência sexual durante o encarceramento. Levando-se em conta as informações compiladas durante a coleta, a análise debruçou-se especificamente sobre as cenas em que tais personagens são alvos da violência sexual na prisão. Nesse contexto, buscou-se descrever e interpretar o conteúdo das cenas, partindo da base teórico-conceitual, que funciona de apoio para a captação de seu sentido simbólico, ou seja, de suas qualidades subjetivas e suas características figuradas, metafóricas ou alegóricas (VERGARA, 2012, p. 7-17). Em cada cena, consideraram-se: 1) o grupo do qual o prisioneiro violado fazia parte; 2) o grupo do qual o(s) agressor(es) faz(iam) parte; 3) a motivação apresentada pelo(s) agressor(es) para a violência cometida; 4) a relação da violência cometida com a mobilização da sexualidade do agressor para a garantia de posições na hierarquia carcerária, a punição de prisioneiros que se desviaram de códigos estabelecidos entre os presos e o alívio de tensões e frustrações sexuais.

4. Descrição dos personagens selecionados para a análise

Na primeira temporada da série, um dos primeiros prisioneiros a chegar a Oz foi Tobias Beecher, um advogado formado pela Harvard Law School, bem sucedido profissionalmente e cumpridor dos papéis de bom pai e bom marido. Alcoólatra, Beecher dirigiu bêbado por uma noite na qual atropelou e matou uma menina de nove anos de idade. Ele chegou a Oz sem qualquer habilidade criminosas e era dotado de uma personalidade tímida, o que fez dele

alvo constante de abusos na prisão. Na primeira temporada, Beecher – que não fazia parte de grupo algum – foi colocado na mesma cela de Simon Adebisi (interpretado por Adewale Akinnuoye-Agbaje). Em face da violência extrema de Adebisi, que fazia parte do grupo dos *homeboys*, o membro dos arianos Vernon Schillinger (vivido por J.K. Simmons) se ofereceu para ser o novo companheiro de Beecher, que aceitou a oferta. Porém, na primeira noite em que ficaram na mesma cela, Schillinger – que também liderava a Irmandade Ariana – violou Beecher e o marcou ao queimar uma suástica em sua nádega direita. Dentre as motivações para a violência contra Beecher, pode-se indicar a marcação da superioridade ariana na hierarquia carcerária e a punição a um detento que não se enquadrava nos padrões de virilidade bruta e violenta da prisão. A partir de então, Beecher foi humilhado regularmente por Schillinger e, para lidar com o trauma da experiência, desenvolveu o vício em heroína. Posteriormente, com o auxílio do norte-americano de descendência irlandesa Ryan O'Reily (representado por Dean Winters), Beecher se vingou de Schillinger, quebrando o vidro de acrílico da cela do ariano e perfurando um de seus olhos. Beecher foi contido pelos carcereiros e enviado para a solitária. Posteriormente, Beecher ainda se vingou mais vezes de Schillinger, chegando a agredi-lo com pesos da academia da prisão e defecando em sua face.

Na segunda temporada, o detento Peter Schibetta chegou a Oz por extorsão e lavagem de dinheiro. Ele era filho do líder dos italianos Nino Schibetta e incitou Mark, o irmão do diretor da prisão, Leo Glynn (interpretado por Ernie Hudson), a assassinar alguém em retribuição de uma dívida. Schibetta explorou o conhecimento acerca do crime cometido por Mark como uma forma de chantagear Leo Glynn. Quando Mark confessou o assassinato, o diretor de prisão perseguiu Peter Schibetta por vingança. Glynn consentiu com violações sexuais cometidas contra Schibetta – primeiramente por Adebisi e depois pelos arianos Schillinger e James Robson (interpretado por R.E. Rodgers) – e mostrou pouco interesse em punir os assassinos de Schibetta quando ele foi morto. Na segunda temporada, Peter Schibetta foi intoxicado por Adebisi com uma barra de chocolate com veneno para ratos e, ao tentar se vingar de Adebisi por ter seu papel de destaque no grupo dos italianos questionado após o envenenamento, ele montou uma emboscada na cozinha para o detento do grupo dos *homeboys*, que fracassou. Adebisi lançou Schibetta sobre uma mesa, onde o sodomizou, motivado pela necessidade de proteção e de sinalização da superioridade física do grupo dos *homeboys* sobre os italianos e de punição a Schibetta por desafiar essa hierarquia. Ao ter alucinações após a violência sexual, Schibetta foi levado ao hospital psiquiátrico, onde Adebisi inclusive o protegeu de outros detentos com forma de se aproximar do grupo dos italianos. Quando Schibetta voltou à prisão na quinta temporada, Adebisi o transformou em escravo sexual, cometendo sucessivas violações. O grupo dos italianos não se prontificou a proteger Schibetta, tendo nele uma lembrança vergonhosa do passado. Ao tentar agredir sozinho os arianos a fim de voltar a ser reconhecido como uma liderança pelos italianos, Schibetta foi violado por Schillinger e Robson sobre uma mesa de sinuca. Schillinger ainda ironizou Schibetta, dizendo: “Eu sempre tive a curiosidade de saber se meu pau era maior do que o Adebisi. Você será o juiz”. Schibetta foi ameaçado por Schillinger

caso contasse sobre o caso de violência do qual foi vítima. Os arianos utilizaram a violência sexual como uma forma de brutalmente reafirmar a superioridade ariana perante os demais detentos que tentassem desafiá-los e também aliviar as tensões sexuais por meio da violência coletiva.

James Robson – preso por ter assassinado um homem negro – era um dos mais brutais membros do grupo dos arianos desde a segunda temporada da série. Ele mesmo foi autor de atos de violência sexual contra outros detentos, como Schibetta. Porém, na quinta temporada, ele passou a ser rejeitado pelo seu grupo, porque, após se detectar uma doença em sua gengiva, ele recebeu o implante de parte da gengiva de um cadáver de um homem negro. Ele tentou arrancar as gengivas e atacar o cirurgião-dentista que fizera a operação, mas os carcereiros o colocaram na solitária. Quando Robson deixou o isolamento, os demais arianos o abandonaram por considerarem o detento impuro. Na sexta temporada, ao pedir proteção aos arianos em relação aos italianos após atos de violência cometidos contra esses últimos, Robson teve seu pedido recusado. Porém, o ariano Wolfgang Cutler (interpretado por Brendan Kelly) aceitou protegê-lo desde que Robson se tornasse seu escravo sexual. Enquanto Robson utilizava o sexo como moeda de troca pela sua própria vida, Cutler não apenas reafirmou sua virilidade perante o grupo do qual fazia parte, mas utilizou o sexo como forma de aliviar a tensão sexual – uma vez que ele se colocava como homofóbico, mas aceitava fazer sexo com outro homem – e punir um desertor que recebeu um implante de gengiva de um homem negro. Assim que Robson aceitou a oferta de Cutler, este sodomizou seu escravo sexual com uma colher. Além disso, Cutler obrigava Robson a se vestir como mulher, prestar favores sexuais bizarros e obedecer a todas as suas ordens, enquanto o protegia da perseguição dos italianos. Em face da humilhação constante de Robson, os italianos ofereceram uma trégua a ele caso matasse Cutler. Robson então convenceu Cutler a tentar a auto-asfixia erótica. Quando Cutler apareceu morto, Robson alegou que ele havia cometido suicídio. Robson foi readmitido na Irmandade Ariana, mas continuava traumatizado pela violência sofrida. No último capítulo da série, quando já havia descoberto ser soropositivo, Robson se deixou violar por um detento negro na expectativa de que o violador fosse infectado pelo vírus HIV.

Já Kenny Wangler foi encarcerado em Oz por assassinato em primeiro grau. Quando Wangler chegou à prisão na primeira temporada, o encarcerado Kareem Said (interpretado por Eamonn Walker) tentou convertê-lo ao Islã, mas foi frustrado, pois Wangler era viciado em heroína e não conseguiu abandonar o vício em nome da religião. Por sugestão de Adebisi, ele se tornou membro do grupo dos *homeboys* e rapidamente chegou à posição de um dos principais traficantes de drogas na prisão, chegando a desafiar o próprio Adebisi na liderança do tráfico. Na terceira temporada, quando descobriu que sua esposa o estava traindo com um homem que ele desprezava, Wangler conseguiu fazer com que um de seus parceiros ligasse para assassinos fora da prisão a fim de que matassem sua mulher e o amante. Sentindo remorso, Wangler foi ao funeral, enquanto Adebisi matou seus principais companheiros e se tornou o companheiro de cela do *homeboy*. Diariamente, Adebisi amarrava Wangler nu à cama a fim de impedi-lo

de se defender contra a violência sexual. A violência de Adebisi relacionava-se não apenas à afirmação de sua posição de liderança do grupo pelo domínio de um homem mais jovem e fraco do que ele, mas também ao alívio da tensão sexual e à punição de Wangler por ter desafiado a posição de Adebisi na chefia dos *homeboys*.

5. Discussão e análise

As violências do crime e da punição foram retratadas na série Oz por meio de linhas narrativas complexas e metacomentários oferecidos por Hill, que inseriram importantes camadas de críticas políticas à brutalidade do sistema prisional. Os grupos de encarcerados viviam as complicações de uma cultura racista e violenta. A série explicitou a política de confinamento e explorou as perspectivas de organização espacial do poder dentro da prisão. Nesse processo, a violência explícita – inclusive a sexual – não era gratuita, mas servia como um meio de demarcação de territórios em Emerald City e a definição simbólica de posições na hierarquia entre os grupos de detentos, mesmo sendo a unidade prisional considerada um modelo para a recuperação dos encarcerados e suas maiores dignificação e preparação para a reinserção social. Em Emerald City, a violência e o sexo eram proibidos, mas, ao contrário do que os administradores da prisão desejavam, a violência sexual era constantemente mobilizada como forma de reafirmação da virilidade dos criminosos. Num contexto de brutalidade de relações hipermasculinas onde o sexo era apenas teoricamente proibido, a sexualidade era mobilizada de maneira extrema e violenta como recurso para humilhação de rivais e afirmação da posição hierárquica superior dos perpetradores da violência (GUILBERT; LOCOGE, 2007).

Se a violência sexual era uma das formas mais comuns de dominação masculina sobre a mulher, ela era aplicada em Oz por homens contra outros homens, em geral contra prisioneiros estigmatizados como fracos ou desviantes das regras do grupo, sendo alguns desses forçados a servirem como escravos sexuais. O escravo sexual podia ser violado não apenas pelo seu senhor, mas também por outros membros do mesmo grupo com frequência, além de submetido ao sofrimento psicológico. Ainda que o ato sexual fosse realizado entre homens, o perpetrador da violência tinha sua virilidade reafirmada na figura de um macho, muitos deles inclusive acreditando estarem realizando intercurso sexual com uma mulher. Não à toa, os escravos sexuais em Oz eram obrigados a usar roupas femininas e maquiagem como forma de não serem vistos como homens viris e fortes. Os perpetradores da violência viam-se como prisioneiros dominantes, que exerciam poderes sobre os outros. Seus corpos eram, em sua grande parte, musculosos e peludos, o que reforça suas características viris. A exposição constante de seus pênis – muitos deles grandes – e a manipulação desses órgãos diante dos alvos de sua violência atestavam o controle que exerciam sobre esses outros homens. Mais do que simplesmente constatar a falta de privacidade a que os encarcerados eram submetidos na prisão, a nudez não era tratada neste caso de maneira voyeurística. A nudez onipresente de violadores revelava a sua superioridade em relação aos violados, cujos corpos – muitas vezes, também nus – eram

concebidos como banalizados e desprotegidos (GUILBERT; LOCOGE, 2007, p. 58-59, 67).

A predominância de formas particulares de virilidade em relação a outras mostrava-se relacionada a uma estrutura de dominação e opressão na ordem de gênero, que tornava necessários exemplares a serem culturalmente valorizados para o controle não somente das mulheres, mas também de outros homens, como ficava visível no contexto prisional. Os detentos de Oz articulavam experiências e administravam relações de gênero, favorecendo indivíduos em conformidade com as exigências das virilidades de seus grupos com o apoio social (DONALDSON, 1993). Entretanto, a violência sexual podia servir como um meio de assegurar uma posição superior na hierarquia carcerária, punir elementos desviantes das normas dos grupos e minimizar tensões sexuais. A prisão operava como um ambiente de socialização homossocial que abria para violadores – como os arianos, que cometeram violência grupal contra Schibetta – a oportunidade de desenvolver um contexto de camaradagem com os membros de seu grupo. Nessas relações, era reconhecida a virilidade associada à heterossexualidade, de forma que o envolvimento sexual com outros homens dava-se com a finalidade de puni-los ou de aliviar tensões sexuais do ambiente prisional. Na linha colocada por Miskolci (2013), com o reconhecimento da sua virilidade pelos seus pares, esses homens procuravam se defender da exposição, da humilhação e dos maus tratos dos quais os estigmatizados como fracos eram alvos.

A prisão é um espaço de intensa homossocialidade, que maximiza a necessidade de formação de associações. Nesses grupos, preserva-se a virilidade dos violadores e se feminizam as vítimas, sujeitas às humilhações constantes e forçadas ao silêncio e ao medo constante do abuso. O ciclo de abusos foi interrompido no caso de Beecher, que se vingou perfurando o olho de seu agressor Schillinger, e, num segundo ato de vingança, agrediu Schillinger com os pesos da academia da prisão antes de defecar no rosto dele, usando o ponto focal da agressão de Schillinger – o ânus – contra o agressor e conquistando a sua posição dominante (JARVIS, 2013). Mesmo Beecher, que se distanciava do modelo de virilidade criminosa ao entrar na prisão, desenvolveu a agressividade como forma de sobrevivência e afirmação diante de seus violadores. Situação semelhante dá-se com Robson, que consegue iludir seu violador a uma prática sexual arriscada – a qual conduz tal agressor à morte – e é provisoriamente readmitido na Irmandade Ariana.

A maior parte dos prisioneiros de Oz apresenta atributos físicos típicos das virilidades populares, mas se distancia das virtudes morais e das qualidades psicológicas a partir das quais tantos proletários foram disciplinados, as quais foram apontadas por Pillon (2013) na fundamentação teórica. Tais encarcerados aproximam-se do perfil de virilidade apontado por Kalifa (2013), associado a um sistema de relações interpessoais dominado pela violência física e ao controle de competências técnicas do submundo. Em tal contexto, a violência sexual cometida contra Beecher, Schibetta, Robson e Wangler pode ser vista como uma manifestação da força e uma expressão de dominação dos perpetradores das agressões. As lógicas de facção – que envolviam a honra do grupo e eram típicas das virilidades populares – estendiam-se para

o interior de Oz, vistas em exposições de força – como a de Adebisi e dos arianos em relação a Schibetta e a de Cutler em relação a Robson – e na exacerbação da brutalidade em relação aos detentos vistos como mais fracos e frágeis, como Beecher e Wangler.

Na mesma linha colocada por Kalifa (2013) na fundamentação teórica, pode-se dizer que, em conjugação à força, o sexo dividia, entre os grupos e dentro deles, as funções. No caso da Irmandade Ariana, a dominação física e sexual sobre um dos italianos como Schibetta transcendia a saciedade de necessidades sexuais. Aqueles membros do grupo que falhavam em exercer seu papel dominante eram execrados, como fora o caso de Robson, que, ao deixar a posição de homem dominante dentro do grupo ao receber um implante de um cadáver negro, é feminilizado, abatendo-se sobre ele a dominação física e sexual de Cutler. Violadores como Cutler, Adebisi e Schillinger – que assumem o papel ativo – não se veem como homossexuais e reforçam suas virilidades. Aplicando-se a perspectiva colocada por Taraud (2013), a violência cometida por detentos como Adebisi contra homens de outros grupos – como Schibetta – e mesmo contra homens de seu grupo considerados mais fracos e desviantes das regras da hierarquia – como Wangler – conjuga-se ao estereótipo do homem não-branco associado à selvageria sexual e à barbárie.

6. Considerações finais

A representação da prisão em Oz envolve uma série de mecanismos que englobam a governança do criminoso e da criminalidade, bem como de grupos de pessoas rejeitadas ou concebidas como perigosas (SEALY, 2007). Nesse sistema, o prisioneiro violado é marginalizado, mas ainda assim ocupa uma posição central na sustentação da virilidade dos criminosos violadores num ambiente homosocial.

Na representação da sexualidade na prisão, Oz desvelou a existência de uma base patriarcal na qual o corpo era frequentemente submetido a ataques, com seus limites sendo dolorosamente penetrados e sua soberania sendo impossível de se sustentar (JARVIS, 2013). Como se comprovou neste estudo, na cultura homosocial da prisão trazida na série, a reafirmação da virilidade dos criminosos alimentava condutas machistas e exacerbava a violência homofóbica contra outros prisioneiros de grupos rivais ou mesmo aqueles do mesmo grupo que desafiavam as hierarquias carcerárias. A violência sexual era instrumentalizada como uma forma de punição de prisioneiros e alívio das tensões sexuais.

Quase quinze anos após o término de exibição da série pela HBO, Oz continua sendo objeto de debate social por conta da violência extrema exibida nas suas temporadas, expondo clivagens de raça e classe e estimulando a discussão acerca da transformação do encarceramento de tipos considerados ameaças sociais em um produto cultural televisivo. Todavia, como se verificou ao longo deste estudo, a série aponta problemas profundos existentes na reabilitação de presidiários em face da corrupção do sistema prisional e das tensões motivadas pelas diferenças socioculturais entre os detentos.

Ainda que o foco da série estivesse no sistema prisional dos Estados Unidos, é importante destacar que, tal qual se retratava nas prisões norte-americanas, a crise e a violência extrema apresentadas em Oz e permeadas pelo machismo e pela homofobia transcendiam o sistema carcerário estadunidense. A situação crítica ainda se observa, por exemplo, também nas prisões brasileiras. Entretanto, a violência homofóbica e machista se manifesta interligada a outras múltiplas clivagens, de acordo com as hierarquias culturalmente definidas em cada país. Numa perspectiva ainda mais abrangente, pode-se dizer que essa violência ultrapassa o próprio sistema prisional, de forma que tal sistema parece refletir, de formas extremas, padrões de exclusão e de segregação que se observam na vida cotidiana fora do cárcere, na qual eles se desenvolvem desde formas mais brutais até as mais sutis ou insidiosas. Faz-se jus, assim, ao subtítulo incluso durante a exibição da série no Brasil: a vida é uma prisão.

Referências

DONALDSON, Mike. What is hegemonic masculinity? **Theory and society**, Wollongong-Austrália. v.22, n.5, p.643-657, out.1993.

FARGE, Arlette. Virilidades populares. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) **História da Virilidade: A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 495-523, v. 1.

GUILBERT, Gorges-Claude; LOCOGE, Valentin. Just how queer is Oz ? Gender and sexuality in Oz's Fourth Season. In: HART, Kylo-Patrick R. (Ed.) **Mediated deviance and social otherness: interrogating influential representations**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2007, p. 53-70.

JARVIS, Brian. The violence of images: inside the prison TV drama Oz. In: MASON, Paul (Ed.) **Captured by the media: prison discourse in popular culture**. Nova York: Routledge, 2013, p. 154-171.

KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas? In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) **História da virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 302-331, v. 3.

LEHMAN, Peter. **Running scared: masculinity and the representation of the male body**. Detroit: Wayne State University Press, 1993.

MISKOLCI, Richard. Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Estudos Feministas**, Florianópolis. v.21, n.1, p. 301-324, jan./abr., 2013.

OZ TV WIKI. Victims of rape. **OZ TV website**, 2017. Disponível em: <http://oztv.wikia.com/wiki/Category:Victims_of_Rape>. Acesso em: 9 ago. 2017.

PIGENET, Michel. Virilidades operárias. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VI-

GARELLO, Georges. (Ed.) **História da Virilidade – Volume 2**: O triunfo da virilidade. O século XIX. Petrópolis: Vozes, 2013, p.249-301.

PILLON, Thierry. Virilidade operária. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) **História da Virilidade – Volume 3**: A virilidade em crise ? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p.364-393.

SCHIPPERT, Claudia. From Oz to Lockup: Bringing Prison Life (Back) Home. **TV Series**, n.1, 2012. Disponível em: <<http://tvseries.revues.org/1540#text>>. Acesso em: 5 ago. 2017.

SEALY, David. The hegemony of neoliberal penalty regimes: a commentary on the first seven minutes of Oz. In: HART, Kylo-Patrick R. (Ed.) **Mediated Deviance and Social Otherness: Interrogating Influential Representations**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2007, p. 44-52.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) **História da Virilidade**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 424-453, v. 3.

TARAUD, Christelle. Virilidades coloniais e pós-coloniais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) **História da Virilidade**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 454-483, v. 3.

VERGARA, Silvia. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2012.

WLODARZ, Joe. Maximum insecurity: genre trouble and closet erotics in and out of HBO's Oz. **Camera Obscura**, Berkeley-Califórnia, v.20, n.1, p.59-105, 2005.

YOUSMAN, Bill. Inside Oz: hyperviolence, race and class nightmares, and the engrossing spectacle of terror. **Communication and Critical / Cultural Studies**. United Kingdom, v.6, n. 3, p.265-284, 2009.